



Exposição temporária
Piso -1

João Miguel Barros
Photo-Metragens
22/02 — 03/06/2018

Photo-Metragens

PHOTO-METRAGENS, ed. 2018, agrupa catorze *short stories*, todas elas independentes entre si, e podem ser vistas como quem lê um livro de contos.

São catorze exercícios assentes numa certa vagabundagem do olhar, mas, também, da escrita ficcionada a partir do real, procurando dar sentido a momentos que, com facilidade, nos passariam despercebidos.

PHOTO-METRAGENS, ed. 2018, é uma exposição feita de pontas soltas, assente em narrativas tendencialmente coerentes, mas capaz de mostrar um universo de pequenas complexidades. Faz parte de um roteiro pré-concebido, que assume o propósito de revelar estórias simples a partir do quase-nada, às vezes de coisa pouca, numa lógica que contraria a ideia feita de que só os momentos decisivos têm a dignidade de serem contados.

PHOTO-METRAGENS, ed. 2018, é, em síntese, o início de um projecto ambicioso, que pretende dar visibilidade a algumas das múltiplas invisibilidades e insignificâncias que, constantemente, se atropelam à frente dos nossos olhos.

Biografia

João Miguel Barros

João Miguel Barros nasceu em 1958. É advogado de profissão, em Lisboa e Macau. Foi codiretor da revista de cultura e artes visuais SEMA (1979-1982). Recentemente começou a expor os seus trabalhos, tendo publicado o livro de fotografia *Between Gaze and Hallucination*. É curador *freelancer* na área da fotografia contemporânea. Nos últimos anos tem vindo a estudar os principais artistas contemporâneos chineses.

01

Sentido Único

Vinha da direita, seguro do caminho a seguir, mas foi forçado a parar. Estava, sem dúvida, numa encruzilhada e obrigado a fazer opções. E logo agora, de novo, depois de um processo doloroso que o obrigara a fazer escolhas próprias de quem não tem escolha...

Por onde seguir? Voltar atrás? Como mudar de nível? Como apontar ao Norte? Ou seria ao Sul? Onde mudar de direcção? Qual a cor da noite com tantas luzes a ofuscar? Onde encontrar o mar? E as árvores dos seus tempos da infância? De onde vinha a luz da lua cheia? Como descobrir o sorriso do condutor ao lado? Virar de novo à direita? Talvez à esquerda? Como sair dali? Entre o desconhecido e a angústia, optou pelo desconhecido, fechando os olhos: avançou aproveitando a nesga de espaço à sua frente, em linha contínua, como se a sua existência estivesse destinada a ser percorrida apenas numa via de sentido único.



Photo #01.14 (Shangai, R.P. China, 2017)
Fotografia

02

Árvores

Na sua infância, que o destino colocara em terras distantes, tinha por hábito olhar demoradamente as árvores, encantado com as suas formas e imaginando o muito que já tinham vivido.

Conhecia-as quase todas pelo nome. Nunca percebeu a razão que o levou a dar nomes masculinos a umas e nomes femininos a outras. Talvez o tamanho, a delicadeza, a quantidade de ramos ou a folhagem.

A vida levou-o a outras paragens. Ficou sem a imensidão desses descampados, mas conseguiu conquistar o direito a ter meia dúzia de oliveiras no seu quintal, que admirava pela sua eterna juventude.

Às vezes, à noite, conversava com elas. Um hábito de criança que nunca perdera.

Tinha-as como confidentes. E dele ouviam contar as histórias de uma árvore de grande porte que existira em frente da casa onde nascera e que era tão grande que dois homens juntos, de braços longos, não conseguiam abraçar.

03

Precipício

Como manter o equilíbrio numa caminhada arriscada, atravessando um abismo de muitos passos?

Sonhara sempre com essa aventura, que desafiava os limites e a resistência humana. Um dia, decidiu que tinha de ser. Era imperioso colocar à prova a sua capacidade de enfrentar as leis da natureza e os imponderáveis do medo, sem uma mão divina a proteger os riscos de uma queda e sem outra ajuda que não fosse o seu desejo de vencer o imprevisível.

Escolheu um dia nublado para que o sol não lhe ofusasse a visão. Esticou uma corda nova, bem fixa nas extremidades do precipício e começou a percorrê-lo, iniciando a caminhada que lhe daria o reconhecimento dos demais. Deu os primeiros passos, sem hesitações nem ambiguidades. E assim continuou, de modo decidido, avançando largos metros.

Acordou de súbito, num sobressalto nervoso, sem perceber porque razão tinha decidido interromper o andar e saltar a meio do percurso.

04

Homenagem

Ainda menino usava panos enrolados nas mãos para bater em sacas cheias de farinha. Enrijava os músculos, ouvira dizer. Queria crescer com o corpo cheio, acima de tudo para chamar a atenção das miúdas mais engraçadas do bairro. Eram essas as suas rotinas de tempos livres, demasiado livres. Mais velho, começou a usar o corpo em combates a sério. Alimentava-se da ânsia de esmagar o adversário, mostrar o seu lado feroz e implacável, mas já não o de alimentar o sonho de namorar com a mais bonita do bairro. Apenas bater. Para ganhar. Ao mesmo tempo ia engrossando o corpo, sem tempo para reforçar a fluidez da mente. Sim, sabia bater. Era conhecido por bater forte, de forma implacável, até inteligente. Ganhava. Outras vezes perdia. Mas, a mais das vezes, ganhava. Com o tempo, e sem tempo, passou a viver enclausurado nas cordas do ringue. Batendo. Levando. Chorando. Rangendo os dentes protegidos. E ocasionalmente sorrindo de raiva. Sim, sorrindo.

No seu último combate perdeu os sonhos da sua vida. Mas saiu inteiro, pelo seu pé, continuando a sorrir.



Photo #02.01 (Shangai, R.P. China, 2014)
Fotografia

05

Entre o Olhar e a Alucinação

O paredão era imenso, cheio de pessoas, numa quantidade por vezes insuportável, outras nem tanto, mas quase sempre cheio. Quem por lá ia, em especial nos dias sem chuva dos Invernos, ouvia nitidamente o mar. As ondas a bater freneticamente um pouco mais ao longe provocavam sons de diferentes entoações. Os mais românticos diziam que eram harpas desafinadas que aconselhavam a recolher. Outros sentiam que eram sinais que os incentivavam nas caminhadas longas, tantas vezes agrestes devido ao frio que vinha dos horizontes escondidos e distantes. Também havia por lá animais. Alguns de estimação. Outros, vadios, sem trela nem dono, que nem no Inverno conseguiam outro abrigo acolhedor que não fosse o dos buracos nas pedras ou o das ruínas de algumas das casas abandonadas nas redondezas. Um desses cães vadios era conhecido dos habituais passeantes. Costumava olhar a noite, tentando adivinhar os sons que vinham do movimento do mar. Noite após noite. Sempre no mesmo local. Indiferente a quem passava. A quem o observava.

06

Visões Nocturnas III

À noite tudo é permitido. Um latir de cão, um namoro às escondidas, um riso envergonhado, um piropo atrevido, um rasgar de roupa, uma vingança adiada, um espectáculo sem gente, um carro em contramão, uma bebedeira propositada, uma despedida de solteiros, um escritor em convulsão, um caminhar amargurado, um suicídio consumado, um cientista em produção, um bêbado inspirado, uma música esganiçada, um pintor sem criatividade, um bar aberto a desoras, um gritar desalmado, uma discussão acesa, um vulcão em chamas, uma rua deserta, um candeeiro fundido, uma casa sem gente, uma lua em quarto crescente. À noite tudo é permitido. Até ao nascer do dia, para acabar com a noite.



Photo #05.03 (Costa da Caparica, Portugal, 2016)
Fotografia



Photo #06.01 (Lisboa, Portugal, 2014)
Fotografia

07

Representação do Amor

Era uma vez...

Já em crianças tinham o conforto da proximidade. Procuravam-se. Às vezes, tocavam-se.

Normalmente caminhavam juntos como se no mundo não houvesse outro destino que não o daqueles momentos a dois. Não falavam.

Olhavam o mar, sempre perto. Por vezes, entravam floresta dentro. Um dia, casualmente, beijaram-se.

E o tempo foi seguindo. Cresceram. Não falavam.

Não podiam. E no tempo que se seguiu foi nascendo a intimidade. Uma intimidade algo envergonhada, mas que não deixava margem para nada mais ou outros alguéns.

Eram tempos de uma enorme entrega e sedução. De oferendas...

“Parem, parem”, disse uma voz estrondosa ao fundo do anfiteatro, interrompendo o ritual de sedução e conquista. “Que dança é essa?

Como é possível que ainda não saibam o que é o amor nos tempos modernos?!”

Olharam-se de novo, suspendendo gestos que imitavam aqueles que tantas vezes repetiram ao longo dos anos. E naquele momento, mesmo sem falarem, perceberam que o palco da vida estava muito para além de qualquer forma de representação do amor.

08

Salgados II

O nascer do dia, logo a seguir ao fim da madrugada, é a altura certa para passear na praia dos Salgados. O mar àquela hora não está agitado. Aliás, verdade se diga, poucas vezes se agita. A areia mantém-se lisa, apenas salpicada com as pegadas ocasionais das gaivotas e de outra passarada que as acompanha.

Esses momentos têm um especial sabor quando a neblina ainda se arrasta pelo chão, como se tivesse preguiça de descolar.

Costumava ser dos primeiros a pisar aquelas areias virgens da noite e a fazer uma longa caminhada à beira da água, perseguido por bandos de gaivotas barulhentas, talvez protestando pela invasão de um espaço que consideravam ser só seu. Mas essa era a altura em que podia contar os seus segredos em voz alta, para assim deixarem de lhe atormentar a alma.

Depois do sol subir, saindo do seu esconderijo secreto lá por detrás da linha do horizonte, aquele lugar transformava-se e perdia o seu encanto, invadido por hordas de gente que não sabiam respeitar o mar nem os seus mistérios.



Photo #07.03 (Bangkok, Thailand, 2017)
Fotografia



Photo #08.03 (Salgados, Portugal, 2016)
Fotografia

09

Marés Vivas

O mar aberto agitava-se violentamente contra as rochas. Ia e vinha. Ondulava sobre si próprio em movimentos irregulares. E quase sempre se agigantava naquele lugar, selvagem.

Ainda miúdo perguntava ao Avô, no meio de muitas histórias de bravos marinheiros e gigantes marinhos por descobrir: “quantas marés cabem neste mar?”. E recordava que invariavelmente ele lhe respondia: “todas as que conseguires contar”.

Às vezes ia sozinho para o paredão em frente da casa. E ficava a somar os movimentos das águas revoltas, que iam e vinham. Mas concluía sempre que a tarefa era demasiada para a sua limitada capacidade de associar todos os números que conhecia. E depois perdia-se, porque nunca havia duas marés iguais.

Anos mais tarde ouvira dizer que “há mar e mar...” e tentava adivinhar onde estava ele para lá da linha do horizonte. Mas sempre que olhava o infinito, do alto daquele paredão imenso, lembrava-se de nunca ter conseguido contar as marés daquele mar.

E a verdade é que também nunca soube para onde ia tanto mar. Mas sabia que vinha sempre. Por muito que tivesse de voltar a partir.

10

Visões Nocturnas I

Sim, há lugares em que a noite é mais noite, com as sombras a confundirem-se com os corpos e os objectos. Tudo o que por lá se move parece projectar uma realidade escondida. Naquelas ruelas, por exemplo. Naquelas ruelas interiores que os grandes blocos de prédios permitem e comprimem, há uma vida oculta, imperceptível. É preciso entrar pelo escuro para sentir esse pulsar. No reverso dessas ruelas as vias são largas, iluminadas, com uma luz calculada para projectar a exuberância das grandes casas comerciais e para deixar respirar os neóns e as aparências.

A cidade vive destes contrastes.

Sem contemplações, acolhe a liberdade dos poderosos e, ao mesmo tempo, a escravidão dos homens amarrados a um trabalho que os consome lentamente. Desfigurando-os. Até se tornarem invisíveis dos demais.



Photo #09.09 (Sintra, Portugal, 2013)
Fotografia

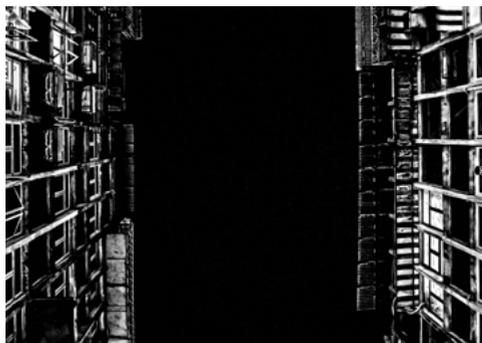


Photo #10.09 (Hong Kong, R.P. China, 2016)
Fotografia

11

Teatro Vazio

O palco estava deserto. Ou melhor, aparentava estar deserto, sem os movimentos dos grandes dias, ouvindo-se apenas um difuso arrastar de pés, ao longe, que provocava na sala um eco indefinido e lúgubre.

Talvez fosse isso, a falta de gente, das palmas e dos apupos, do nervoso antes de cena, do sussurrar da orquestra, das tosses envergonhadas, dos avisos no início de cada espectáculo, das grandes glórias exibidas, dos fracassos que a história já esqueceu, dos aspirantes ao estrelato, da passagem perfumada das divas eternas, e sabe-se lá que mais. E ali estava ela, olhando como quem tudo vê, com num carrossel perturbador a embalar a sua imaginação de tantos e tantos dias. Talvez fosse...

Levantou-se vagarosamente, bem sabendo que a sala estava deserta. Um pequeno gemido de um cão pastor esbelto e obediente sinalizava o tempo. Com o bastão a varrer o espaço à sua frente, caminhando amparada pela linha contínua das bordas das cadeiras da coxia, saiu dali, de um lugar onde tantas vezes fora feliz, mas onde sempre voltava nos momentos em que queria perturbar o silêncio castigador.

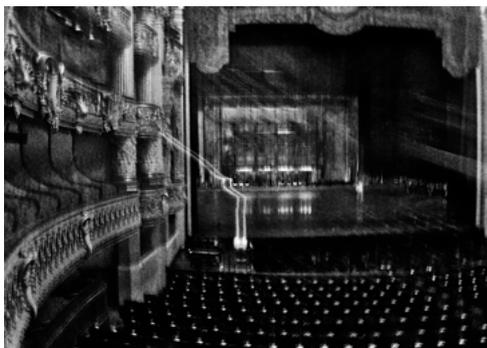


Photo #11.02 (Paris, França, 2013)
Fotografia

12

Ponte Mágica

Naquele dia caía na cidade uma neblina branca que escondia as margens do rio de todos os olhares.

Naquele dia a ponte tinha algo de mágico. Nunca ninguém percebeu bem, mas todos achavam que a sua estrutura longa e rasante às águas, junto às margens, mas empinada ao meio e fazendo um cone perfeito, como se puxada por mãos divinas para dar espaço a que os barcos a cruzassem, lhe dava um sentido estranho, difícil de explicar por recurso à compreensão comum. Parecia ser construção de um feiticeiro. E por isso parecia ser mágica.

Naquele dia em que a neblina branca caiu sobre a cidade, todas as distâncias que essa ponte ajudava a encurtar não eram possíveis de percorrer, não se lhe adivinhando o seu princípio nem o seu fim.

A verdade é que esse é o destino de todas as pontes envoltas numa neblina branca!



Photo #13.01 (Shangai, R.P. China, 2017)
Fotografia

13

A Caminho do Outro Lado

Era uma estrutura de betão tão grande que quase servia de muro entre a cidade e as terras vizinhas. Ninguém tinha percebido a razão que levava alguém a construir aquele maciço.

Só a noite escura conseguia esconder a sua rudeza e falta de elegância. Alguém lhe dissera que não era a beleza que contava, desde que houvesse um desígnio superior. Não tinha de ser bonita. Mas a verdade é que era muito alta e acabava em lugar que não se alcançava à vista desarmada.

As pessoas especulavam em surdina para que serviria. Mas um dia soube-se porquê. Havia uma crença antiga que dizia que só as preces ditas em voz alta eram ouvidas. Quem nisso acreditava dizia mais: precisavam de ser ditas em voz muito alta. E estava provado que da terra essa tarefa era quase impossível. Foi por isso que o novo chefe da cidade, querendo a paz com os deuses, mandou construir aquela estrada gigantesca, para lhe permitir sussurrar à porta divina os seus desejos de eternidade.

14

Personas Excelentíssimas

Personas. Que importa se são também princesas ou príncipes! Ao certo são seguramente pessoas, como nós, agarrados à terra e a outros lugares, buscados aos seus quotidianos rotineiros e distantes. Gentes com linguagens estranhas, muitas vezes incapazes de se entenderem entre si. E nós, aqui, inevitavelmente cúmplices dos seus destinos.

Mas que importa essas distâncias se se trata apenas de registos do olhar? Olhares, uns, vindos do fundo da alma. Outros, ocasionais ou desatentos. Todos eles, afinal, formas de testemunhar um tempo. O nosso. E um lugar. Este, aqui.

Personas, pois. Mas também Excelentíssimas.

Texto: João Miguel Barros
(O autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

Capa: Photo #06.03 (Costa da Caparica, Portugal, 2016)

Fotografias: Papel fotográfico, Kodak Profissional Endura Metálico, brilhante. Com laminação a frio nas séries #1, #9 e #14, em vinil brilhante. Revelação Kodak RA-4 e ampliação em equipamento de exposição óptica Lambda / Lightjet.

Serviço Educativo

Visitas orientadas e atividades para escolas e famílias
Marcações e mais informações
T. 213 612 800
servico.educativo@museuberardo.pt
www.museuberardo.pt/educacao

Atividades com entrada livre

Visita pelo artista à exposição:
24 de fevereiro e 26 de maio, pelas 16h00
Percurso pela exposição:
17 de março e 28 de abril, pelas 16h00



Catálogo da exposição, em português e inglês.

Edição Limitada, assinada e numerada.
Photo-Metragens / Photo-Scripts #2018
Capa dura, 144 páginas.

À venda na loja do museu: 39€

Partilhe a sua visita

@museuberardo

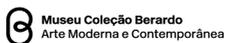
#museuberardo

Museu Coleção Berardo

Siga-nos



/museuberardo



Mecenas:



Apoio à exposição:

